

## **Blog de Ricardo Freire, Revista Época comenta sobre a indústria hoteleira que acolhe, sem preconceitos, os homossexuais.**

**RICARDO FREIRE. 12/01/2008. Revista ÉPOCA, Edição nº 504**

**Hetero-friendly" - ou seja, aberto a héteros - é o slogan do recém-inaugurado Hotel Axel, em Buenos Aires. Com 46 apartamentos e duas suítes, o Axel é o primeiro hotel na América Latina a dirigir-se especialmente (mas não exclusivamente) a gays e lésbicas. A "concessão" ao público heterossexual não é apenas uma jogada de marketing. É também uma retribuição: há muito tempo a indústria hoteleira é um dos setores mais "gay-friendly". A verdade é que gays e lésbicas nunca dependeram de agências ou hotéis específicos para se tomarem viajantes inquietos e curiosos.**



**RICARDO FREIRE**  
é blogueiro profissional e escreve  
quinzenalmente em ÉPOCA.  
<http://viajenaviagem.wordpress.com>  
[rfreire@edglobo.com.br](mailto:rfreire@edglobo.com.br)

**Neste caso, o preconceito e o eventual constrangimento costumam estar do lado de cá do balcão. Em pleno século XXI, ainda há quem não se sinta à vontade de assumir a verdadeira condição de sua companhia de viagem - ou que refugue quando o recepcionista pergunta se a reserva para cama de casal está correta. Na imensa maioria das vezes, a checagem do funcionário é meramente burocrática (e, diga-se, é feita com frequência cada vez menor). O viajante gay passou a ser cortejado pelas grandes redes hoteleiras e pelos órgãos oficiais de turismo. Recentemente, Berlim e a Cidade do Cabo mandaram ao Brasil comissões de divulgação das atrações GLS de suas cidades. Em São Paulo, a Parada Gay tem status semelhante ao da Fórmula 1 como evento turístico, e todos os hotéis receberam treinamento para tratar adequadamente os visitantes. No Rio de Janeiro, muitos hotéis mantêm guias da cena GLS no balcão do lobby, junto às filipetas de vôos duplos de asa-delta, passeios de escuna às ilhas tropicais e idas ao Maracanã.**

**O surgimento de agências e, agora, de hotéis direcionados a gays e lésbicas se deve menos a combater preconceitos que a celebrar o nicho. É como comprar um pacote de mergulho de uma operadora especializada: cliente e**

vendedor compartilham da mesma cultura. No quesito hospedagem, as vantagens são ainda mais evidentes, já que - ao menos por enquanto - só num ambiente GLS um casal do mesmo sexo pode se comportar como um casal convencional se comporta em qualquer lugar. Já pensou passar uma lua-de-mel sem poder trocar beijos ou carinhos em público com sua carametade? Com casais de gays e lésbicas isso acontece o tempo todo.

---

**Há muito tempo a indústria hoteleira é um dos setores mais "gay-friendly" da economia**

Na maior parte dos destinos, o viajante gay procura exatamente o mesmo que todos: não há nada intrinsecamente GLS nas Pirâmides, em Machu Picchu, nas Rochosas Canadenses ou no encontro das águas do

Negro com o Solimões. Há outras viagens, porém, em que gays e lésbicas vão em busca dos lugares onde se sentem mais à vontade. Não apenas por causa das possibilidades de romance e sexo que esses lugares proporcionam - e não há nada de mau nisso; na prática, a única diferença entre uma micareta e uma parada gay é o tipo de música -, mas pela sensação inusitada de sentir-se parte da maioria.

Esse é o fascínio exercido por bairros como Chelsea, em Nova York; Chueca, em Madri; Schöneberg, em Berlim; Marais, em Paris; Darlinghurst, em Sydney; ou Waterkant, na Cidade do Cabo: lugares onde gays e lésbicas podem se portar ao livre como se estivessem em ambientes fechados do mundinho. Nenhum desses bairros, contudo, é impermeável a não-gays. Se bairros tivessem slogan, talvez usassem o mesmo do Hotel Axel: "hetero-friendly".

Tudo isso é só para dizer que, se você viajar com uma companhia de viagem do mesmo sexo e o recepcionista perguntar se a cama reservada é mesmo de casal, não tenha receio de dizer que sim. Ele também faria questão de confirmar se a reserva fosse para o andar dos fumantes.